

Imagens da pandemia no instagram: um estudo de caso do perfil covidphotobrazil

Camila Leite de Araújo

Faculdade de Informação e Comunicação, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, Brasil

<https://orcid.org/0000-0003-3675-1351>

camilaleite@ufam.edu.br

Cristiane de Lima Barbosa

Faculdade de Informação e Comunicação, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, Brasil

<https://orcid.org/0000-0003-0358-4462>

crisbarbosa@ufam.edu.br

Resumo: Objetiva-se neste artigo discutir o papel central da fotografia digital como mídia provocadora de reflexões, discussões, debates, e, possivelmente, de empatia. Pretende-se analisar a função social da investigação fotográfica durante a pandemia da Covid-19 no Brasil pela plataforma do Instagram. Para a seleção das imagens, escolhemos seis fotografias feitas no Brasil, cujos personagens são mulheres periféricas. As imagens foram publicadas no perfil *@covidphotobrazil*, que cataloga e compartilha imagens sobre a pandemia, feitas por diferentes autores e em diferentes regiões. A análise foi feita à luz de discussões sobre as dimensões da iconologia e da iconografia de Panofsky (2012) e adaptadas à fotografia por Kossoy (1999). Como resultados verificamos que as fotografias são convites à reflexão sobre a realidade da pandemia de Covid-19 no Brasil, mas limitadas como fontes históricas se analisadas apenas a partir de sua iconografia. Assim, considera-se de extrema importância o papel da ciência social que investiga os dados e as informações que contextualizam as imagens em um lugar na história contemporânea.

Palavras-chave: covid-19; fotografia digital; instagram; Brasil; representação fotográfica.

Pandemic images on instagram: a case study of the covidphotobrazil profile

Abstract: This article aims to discuss the central role of digital photography as a medium that provokes reflections, discussions, debates, and possibly empathy. We intended to analyze the social function of photographic research during the Covid-19 pandemic in Brazil through the Instagram platform. For the selection of images, we chose six photographs made in Brazil, whose characters are peripheral women. These images were published on the *@covidphotobrazil* profile, which catalogs and shares images about the pandemic, made by different authors and in different regions. The analysis will be made in the light of discussions of the iconological and iconographic from Panofsky (2012) adapted to the photography's language by Kossoy (1999). As a result, we verified that the photographs are invitations to reflect on the realities of the Covid-19 pandemic in Brazil but are limited as historical sources if analyzed only from their iconography. Thus, the role of social science that investigates data and information that contextualize images in a place in contemporary history is extremely important.

Keywords: covid-19; digital photography; instagram; Brazil; photography representation.

Imágenes pendémicas en instagram: um estudio de caso del perfil covidphotobrazil

Resumen: El objetivo de este artículo es discutir el papel central de la fotografía digital como medio que provoca reflexiones, discusiones, debates y, posiblemente, empatía. Se pretende analizar la función social de la investigación fotográfica durante la pandemia Covid-19 en Brasil a través de la plataforma Instagram. Para la selección de imágenes, elegimos seis fotografías realizadas en Brasil, cuyos personajes son mujeres periféricas. Las imágenes fueron publicadas en el perfil *@covidphotobrazil*, que cataloga y comparte imágenes sobre la pandemia, realizadas por diferentes autores y en diferentes regiones. El análisis se realizó a la luz de discusiones sobre las dimensiones de la iconología e iconografía de Panofsky (2012) y fue adaptado a la fotografía por Kossoy (1999). Como resultado, comprobamos que las fotografías son invitaciones a reflexionar sobre la realidad de la pandemia Covid-19 en Brasil, pero limitadas como fuentes históricas si se analizan solo

desde su iconografía. Por tanto, el papel de las ciencias sociales que investiga datos e información que contextualizan las imágenes en un lugar de la historia contemporánea es sumamente importante.

Palabras clave: covid-19; fotografía digital; instagram; Brasil; representación fotográfica.

I. Introdução

Compreender a relação entre fotografia, memória, cidadania e respeito por vidas de idosos, de populações periféricas e indígenas, populações mais frágeis à crise sanitária da Covid-19, exige uma literatura visual e debates sociais sobre esses problemas históricos e sua documentação. Assim, acreditamos ser primordial a análise das leituras dessas imagens, que estas sejam amplamente compartilhadas e o entendimento dos seus simbolismos.

Nesse contexto, o presente estudo se propõe a analisar algumas imagens fotográficas feitas durante a pandemia da Covid-19 no Brasil, com base em conceitos da iconografia e da iconologia propostos por Panofsky (2012) em 1932 e posteriormente adaptados à linguagem fotográfica por Kossoy (1999). O trabalho nos conduz à discussão sobre as possibilidades do digital na produção e circulação de imagens e seu impacto na criação da memória sobre a representação das vítimas do novo coronavírus e sobre o poder transformador da fotografia em alterar a história, se amplamente vista.

O objetivo geral deste estudo é discutir o papel central da fotografia digital como mídia provocadora de reflexões, discussões, debates, e, possivelmente, de empatia. Para tanto, escolhemos como objeto de análise imagens divulgadas pelo perfil *@covidphotobrazil* que tem como desafio criar uma exposição sistemática dessas imagens, construir um imaginário sobre a

pandemia em território nacional e divulgar o trabalho de fotógrafos atuantes durante a pandemia.

Como objetivos específicos, a pesquisa se ateve em: a) debater a importância da fotografia na pandemia; b) entender o papel das mídias sociais digitais no cenário global do novo Coronavírus; c) identificar como o perfil do *Instagram @covidphotobrazil* contribuiu com a informação sobre a doença na internet.

Nesse contexto, as perguntas norteadoras que conduzem este estudo são: Como ocorre a função social da investigação fotográfica durante a pandemia da Covid-19 no Brasil pela plataforma do *Instagram*? Como a cobertura fotográfica sobre o Covid-19 contribui como mídia provocadora de reflexões, discussões, debates e empatia?

Temos como hipótese que as fotografias digitais, no contexto das mídias sociais, circulam ao serem compartilhadas, comentadas e curtidas, permitindo um maior alcance e interação com os espectadores.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e de um estudo de caso. O estudo articulou métodos qualitativos de observação direta, por meio da descrição e avaliação qualitativa das imagens fotográficas postadas no perfil *@covidphotobrazil*, e alguns comentários de espectadores atrelados a elas no período de abril a setembro de 2020. As imagens escolhidas são apenas algumas das várias compartilhadas pelo perfil *@covidphotobrazil*. A seleção ocorreu de forma aleatória e subjetiva.

Foram escolhidos dois ensaios, totalizando seis fotografias, feitas por autores diferentes que, em diferentes lugares do país, fotografaram sob diferentes condições. Um a partir de uma proposta de reportagem fotográfica e o outro de uma pauta noticiosa. Ambos os ensaios registravam mulheres periféricas e suas dificuldades físicas, materiais e culturais para sobreviver à

pandemia de Covid-19 no Brasil, também foram considerados no estudo alguns comentários dos espectadores.

Para a análise das fotografias publicadas, partimos das discussões das dimensões iconológicas e iconográficas, propostas e descritas por Panofsky (2012), em 1932, depois adaptadas por Kossoy (1999), que acrescentou especificidades da linguagem fotográfica. Acredita-se que esses métodos podem contribuir para a análise fotográfica e compreensão da representação da memória da Covid-19 no Brasil.

A análise iconográfica refere-se à leitura plástica da imagem, criada a partir de um ponto de vista do autor da imagem e eternizado pelo instante em que o obturador foi acionado. O instante fotográfico documentado na fotografia permite recuperar dados preciosos para a reconstituição da memória e da história. A análise iconológica procura informações e contextos por meio de documentos ou do relato do autor da imagem de forma a “desvendar a trama histórica e social da imagem, bem como avaliar sua dimensão cultural e ideológica” (Unfried, 2014, p. 5).

Para aprofundamento da interpretação iconológica das imagens, conforme Kossoy (1999), procuramos a fala dos dois fotógrafos, por meio de entrevistas em jornais e por contato direto pelas redes sociais. O autor do primeiro ensaio analisado não havia sido, ainda, entrevistado a respeito da sua vivência na cobertura fotográfica, mas concedeu respostas, discutidas neste texto, a algumas perguntas abertas sobre como o ensaio fora produzido e suas decisões estéticas. O autor do segundo ensaio analisado, concedeu entrevistas ao jornal Estado de Minas e sua experiência foi também levada em consideração na análise (Pereira, 2020).

2. A fotografia digital, *Instagram* e a pandemia da Covid-19

As fotografias documentais e noticiosas são impactadas pelo digital não apenas por possibilitar a multiplicação de imagens com a diminuição dos gastos envolvidos, como também pela maior circulação por meio das redes virtuais. Permite uma maior liberdade do fotógrafo que pode estar ausente dos laços contratuais de uma empresa comunicacional, e ainda assim exibir seu trabalho que, conforme o interesse das diferentes partes, pode ser vendido para diferentes veículos.

Nesse contexto, o *Instagram* se apresenta como uma das mais populares redes sociais para o compartilhamento gratuito de imagens na contemporaneidade. Nele, cada usuário possui um espaço para expor suas imagens, chamado de *feed*. São as imagens que vão compor o "álbum" estável do perfil. Conforme novas imagens são postadas, elas permanecem no topo da produção, de forma que as antigas são menos valorizadas e ficam no final do *feed*.

Cada imagem, ou bloco de imagens, pode ser comentado e curtido pelos espectadores, de forma a criar um vínculo e uma discussão coletiva sobre as imagens. O usuário também pode acrescentar uma legenda à imagem ao postá-la permitindo contextualizá-la. Mas, não há dúvidas de que o *Instagram* é mais focado em imagens do que em textos.

Essa rede permite que seja postada uma sequência de imagens de forma que as narrativas delas passam a ser entrelaçadas, aspecto muito utilizado no compartilhamento de ensaios ou de fotorreportagens. Possibilita, também, o compartilhamento de vídeos com menos de um minuto, ficando os demais armazenados no IGTV¹.

¹ O IGTV é uma ferramenta de armazenamento de vídeo no *Instagram*. Neles os vídeos são reproduzidos em tela cheia, formato vertical e sem bordas pretas. Os vídeos do IGTV não são limitados a um minuto.

Com o auxílio de tais ferramentas o *Instagram* é uma experiência colaborativa a partir de contas de profissionais e amadores da fotografia que expõem suas memórias, fotografias, vídeos, histórias, coleções e visões sobre a vida cotidiana, íntima e social.

A constante expansão da internet, das redes sociais e dos dispositivos móveis gerou uma constante evolução da indústria de informação e de notícia. No decorrer do registro fotográfico da pandemia, fotógrafos locais passaram a compartilhar as imagens de como o vírus afetava suas regiões e as vidas das pessoas pelo *Instagram*, conteúdos que chamaram a atenção de seguidores e de veículos comunicacionais de abrangência nacional e internacional.

O projeto *@covidphotobrazil* é uma conta do *Instagram* a partir de uma perspectiva coletiva de expor fotografias feitas por diferentes fotógrafos durante a pandemia da Covid-19. Seu objetivo é reunir imagens desse momento histórico e permitir maior visibilidade das imagens produzidas no contexto da situação sanitária. Na descrição do perfil, cujo editor é *@daniloverpa*, define-se como o “Diário da Covid-19 no Brasil. Fotógrafos apresentam por meio de seus olhares o cotidiano durante a Covid-19 no Brasil”.²

No *Instagram @covidphotobrazil* foram publicados 466 *posts* feitos até o final de setembro de 2020. Essas imagens representam diferentes momentos e contextos da pandemia no Brasil. Ter uma imagem publicada pelo perfil é reconhecimento de que ela é um documento importante e as imagens ao longo do perfil marcam diferentes fases da pandemia, representando uma memória visual dos acontecimentos registrados.

² Traduzido pelas autoras. No original: “Photographers showing through their vision the day to day life during the COVID-19 in Brazil. Editor: *@daniloverpa*”

Refletir sobre o papel da fotografia nesse momento específico exige proximidade com essas imagens e com os comentários atrelados a elas e registrados pelas ferramentas de interação das mídias sociais. Ser e fomentar cidadãos engajados aos problemas sociais evidenciados e provocados pela pandemia exige refletir sobre os contextos históricos que agravam a situação brasileira.

Lewis (2016) defende que a forma como nos mantemos conectados socialmente depende da função das imagens, uma vez que, por meio delas, processamos mundos diferentes dos nossos próprios. A ferramenta fotográfica pode atravessar nossos abismos sociais, que são irrevogavelmente alterados pela visão. Para a autora, a afirmação da dignidade da vida humana não pode ser empreendida sem a representação justa. A representação das vidas perdidas e do sofrimento social e familiar pelo coronavírus é uma tarefa na qual a fotografia e o vídeo são centrais e indispensáveis.

3. Análise e discussão de resultados sobre o perfil *@covidphotobrazil*

As fotografias carregam contextos implícitos que fogem do olhar atento, já que carregam limites linguísticos, cuja memória vai além do registro do visível. Nesse sentido, a iconografia e a iconologia se apresentam como duas metodologias que permitem “decifrar [...] informações explícitas e implícitas no documento fotográfico” (Unfried, 2014, p. 4). Essas análises visam permitir a recuperação de diferentes camadas de significação.

Kossoy (1999) dedicado à pesquisa documental da fotografia demonstrou a aplicabilidade dessas metodologias para uma análise que supera os limites plásticos fotográfico e permite a recuperação de informações que os contextualizam.

A descrição iconográfica é responsável pela reconstituição dos elementos visíveis que compõem a imagem fotográfica. Reconhecendo que esta dimensão é insuficiente na apreensão das informações dos contextos sociais e históricos, deve ser complementada com a análise iconológica. Esta se refere ao aprofundamento investigativo para a recuperação das informações históricas e invisíveis na imagem fotográfica; e se refere ao contexto histórico antes e independente do “clique fotográfico”.

Assim, aplicamos as instruções sobre a investigação fotográfica adaptada por Kossoy (1999) para analisar as fotografias escolhidas sobre a pandemia da Covid-19.



Figura 1. Imagem produzida por Marco Favero, em Porto Alegre, em julho de 2020

[Fonte: Instagram/covidphotobrazil, 2020](https://www.instagram.com/covidphotobrazil)

A Figura 1 pode ser analisada iconograficamente, conforme as orientações de Kossoy (1999) a partir da leitura de seu campo visual. Trata-se de um retrato feito com o ângulo aberto, produzido por lente angular usada para retratar pessoas e ao mesmo tempo contextualizar situações e ambientes. A imagem foi feita a partir de um ângulo frontal, o que remete a

um retrato posado, conversado, autorizado, no qual se estabeleceu uma relação entre fotógrafo e fotografada.

A imagem pode ser descrita a partir de seus três planos de profundidade. No primeiro, terra batida, canos que indicam falta de saneamento básico e restos de materiais de construção. No segundo plano e ao centro da imagem, uma jovem vestida de preto, em pose que parece indicar sua fragilidade; mãos unidas na frente do corpo, máscara no rosto para proteção contra a Covid-19 e por trás dela sua casa, feita de estuque e madeira, o que nos levar a supor ser uma moradia ilegal. No terceiro plano, prédios iluminados pela luz do sol. Estes compõem o plano de fundo da imagem, altos, imponentes, dourados, reluzentes, fortes.

Atrelada à imagem, a informação que a fotografia compartilhada pela *@covidphotobrazil* traz a marcação do *Instagram* do seu autor *@faveromarco* foi curtida por mais de 306 usuários. Além disso, apresenta, na língua inglesa, um texto feito pelo autor da imagem. O texto no formato de legenda foi escrito na língua inglesa indicando a globalização das informações pelas redes sociais; contextualiza alguns dos aspectos iconológicos da imagem; e apresenta uma breve reflexão sobre a pandemia da Covid-19 no cenário da desigualdade social brasileira:

Porto Alegre, julho de 2020 - Coronavírus e desigualdade social. O cumprimento com as regras sanitárias recomendadas por especialistas entra de choque com o alto desequilíbrio social do Brasil, de forma a afetar a maior crise econômica e de saúde do século. A covid-19, segundo pesquisadores, não é democrática: apesar de perigosa para todos, se espalha e mata mais entre os pobres. A maioria das vítimas são desempregados, trabalhadores informais, moradores de favelas, moradores de rua, povos indígenas, afro-brasileiros, os mais afetados pela desigualdade” 1. Thuane de Araujo, 25, posa atrás de sua casa com o condomínio de classe média Alto-Petrópolis no horizonte. 2. A coletora de recicláveis Bianca Feijó, 21, atravessa ponte de madeira na sua vizinhança e seguro seu filho no colo. 3. A favela de Vila Laranjeiras no Morro Santana. 4. A coletora de recicláveis Bianca Feijó, 21,

posa perto da sua casa de cômodo único enquanto segura seu filho (Favero, 2020)³.

A Figura 1 é a primeira de um ensaio de quatro fotografias, uma sequência de imagens que se complementam em suas narrativas (Figura 2). Trata-se de um ensaio⁴ que conta um pouco sobre as profundas desigualdades do Brasil. Todas as imagens foram feitas com o ângulo aberto e profundidade de campo próprios da objetiva grande angular, permitindo a visualização mais ampla de uma paisagem, que pode incluir pessoas e, ainda assim, atribuir nitidez a todos os elementos da imagem.

O impacto visual de um ensaio depende da força narrativa individual das imagens, mas também do inter-relacionamento entre estas. A exploração das possibilidades narrativas da fotografia por meio da sucessão de imagens permite uma literatura visual mais articulada e fundamentada sobre um tema do que se contextualizada por uma única imagem condensada de informações (Magalhães & Peregrino, 2004).

Ao vermos as demais imagens, percebemos que a casa de Thuane não é isolada em um terreno baldio. Trata-se de uma das casas da favela da Vila Laranjeiras no Morro Santana. Na sequência, vemos que a sua realidade é semelhante à de tantas outras mulheres que como ela vivem abaixo da linha da pobreza no Brasil.

³ Traduzido pelas autoras.

⁴ Ensaio fotográfico é um conceito que se refere a uma história contada a partir de uma sequência de imagens, que permite um discurso sensível sobre o mundo e cuja edição das imagens tenha sido feita a partir de uma reflexão e coesão. A prática do ensaio fotográfico tem sido apontada como marca do fotojornalismo moderno, consolidado nos anos de 1930 nas revistas ilustradas (Persochetti, 2000). É importante ressaltar, também, que o fotojornalismo moderno se consolida a partir de uma abordagem humanista e de cunho social cujo discurso se enfraquece a partir da década de 1960, mas que sempre retoma seu fôlego em momentos de conflito e de crise política e social.



Figura 2. Imagens sequenciais produzidas por Marco Favero, em Porto Alegre, em julho de 2020

Fonte: [Instagram/covidphotobrazil](https://www.instagram.com/covidphotobrazil), 2020

A Figura 2 apresenta as três imagens sequenciais do ensaio. Na primeira imagem da Figura 2, refere-se a segunda fotografia do ensaio de Favero, temos a exposição de uma situação miserável da vida na comunidade: no primeiro plano, uma ponte pequena e improvisada com pedaços de tábuas de madeira, acima de uma água parada e escura. Sobre esta, no segundo plano, uma mãe a atravessa com o filho pequeno dormindo no colo e três cachorros os acompanham em direção aos barracos, no terceiro plano.

Na imagem seguinte, a terceira do ensaio, uma visão ampla da comunidade mostrando as casas simples e improvisadas, sem reboco, sem tinta, que criam uma textura padronizada por seus formatos retangulares e suas cores de tijolo e cimento.

Na quarta e última imagem do ensaio, outro retrato. Uma jovem mãe com seu filho nos braços em primeiro plano. No segundo plano, no canto esquerdo do enquadramento uma casa de um cômodo⁵. No último plano, uma cortina feita por folhas de árvores que marcam a separação do muro para o

⁵ Em entrevista, o autor da imagem destaca que a mulher, retratada na primeira e terceira imagem da Figura 2, se chama Bianca e é catadora de recicláveis. “Parecia ter como única preocupação da vida saber com quem o filho ficaria caso acontecesse algo com ela. Mas visivelmente não tinha qualquer outro apego. A casa em que vive não tem banheiro e ela tem que se aliviar no mato ou no banheiro de vizinhos” (Favero, 2020).

condomínio de classe média, cujos altos prédios aparecem no horizonte da imagem.

A leitura iconológica do ensaio exige uma pesquisa sobre os dados sobre a desigualdade social nas metrópoles brasileiras. A pandemia tem sido um momento de maior sofrimento para aqueles que estão sem teto, desempregados, em atividades informais e sub-remunerados. Pesquisas apontam que a pandemia reforça as desigualdades dos mais vulneráveis, as mortes são mais numerosas nas periferias com infraestruturas precárias e sem serviços básicos⁶.

Entre os comentários feitos por usuários sobre o ensaio, vemos uma do próprio autor: “Obrigado pela divulgação! Quem quiser ajudar as mulheres dessa comunidade, existe uma Vakinha organizada: <http://vaka.me/967924>”.

A dimensão iconológica pode ser enriquecida a partir da memória da comunidade e do autor da imagem, conforme Kossoy (1999). Marco Favero, fotojornalista autor do ensaio, em uma conversa informal a respeito da reportagem em questão, relatou que o distanciamento e isolamento social provou-se ser impossível na periferia e que a doença iria escancarar ainda mais as diferenças sociais no país. Assim, ele sugeriu a pauta jornalística que resultou na reportagem.

Por meio da entrevista que nos concedeu, descobrimos que as escolhas dos ângulos distantes e abertos, além dos aspectos estéticos já analisados, evidenciam um aprendizado do fazer fotojornalismo no contexto pandêmico. “Fotografar entrevistados à uma distância segura, às vezes, sem poder entrar na casa da pessoa. Aprender protocolos de higienização pessoal e de

⁶ Segundo France Presse (2020), em matéria do portal G1, no Morumbi, bairro nobre da cidade de São Paulo, por exemplo teve registrado 297 casos positivos para Covid-19 e 7 mortes. Em Brasilândia, bairro de operários, foram 89 infectados e 54 mortos.

equipamentos, descobrir que um jornal pode ser, sim, produzido, editado e fechado completamente de casa” (Favero, 2020).

O segundo ensaio analisado nesse estudo também ganhou evidências nas redes sociais, foi compartilhado e visto mundialmente por se tratar de um flagrante de uma mulher indígena colando a máscara de proteção à Covid-19.



Figura 3. Foto de Joedson Alves produzida em Alto Paraíso, julho de 2020

Fonte: [Instagram/covidphotobrazil](https://www.instagram.com/covidphotobrazil), 2020⁷

Ao analisarmos iconograficamente a Figura 3, percebemos que se trata de um ensaio produzido por duas fotografias apresentadas verticalmente uma sobre a outra. Na imagem de cima, em detalhe e em primeiro plano, o rosto de uma mulher yanomami abrindo uma máscara facial descartável com as mãos e observando-a com uma expressão incrédula. No segundo plano, a vegetação se apresenta desfocada e achatada; resultado estético do uso de lentes teleobjetivas, usadas para se fotografar a longa distância.

^{7 7} A fotografia foi apagada do perfil @covidphotobrazil e do perfil do autor da imagem @joedson_alves. Talvez pela polêmica gerada pela imagem o autor tenha optado por apagá-la do perfil. De qualquer forma a imagem está na rede e excluir uma imagem que ganhou notoriedade e circula pelas redes sociais na era do digital é praticamente impossível. Ainda que polêmica, ela fomenta debates importantes na contemporaneidade.

A imagem mostra um enquadramento em primeiríssimo plano, ou seja, um retrato feito a partir do recorte na altura do peito de uma pessoa. Este enquadramento é usado para aproximar o espectador do personagem retratado de forma a confrontá-lo com os seus sentimentos e questionamentos. Percebemos alguns detalhes de pinturas no seu rosto, o corte de cabelo, indumentários e, até mesmo, a dificuldade que teria para conseguir colocar a máscara.

Na segunda fotografia do ensaio, apresentada abaixo da primeira, vemos três planos: no primeiro, quatro homens yanomami com vestimentas e indumentários típicos do grupo estão sentados conversando. Sobre seus rostos tem uma mancha verde da vegetação. Isso evidencia que a fotografia foi feita de perto, do chão, por trás da relva e por isso a sombra esverdeada, desfocada e achatada cobre levemente os rostos dos indígenas sentados. No segundo plano, a indígena yanomami de corpo inteiro, em pé, com seus seios expostos, tentando colocar a máscara. E o terceiro plano, é o verde da vegetação desfocada e achatada pela distorção da teleobjetiva. Ao observar esses planos, percebemos que a primeira fotografia do ensaio se trata de uma imagem feita a partir de um recorte da segunda.

No canto esquerdo das imagens, vemos que a imagem foi curtida 1.542 vezes e está, certamente, entre as fotografias mais curtidas da página. O perfil *@covidphotobrazil* compartilha o perfil do autor da imagem, *@joedson_alves*, um texto dele:

Alto Paraíso, julho de 2020 - Por volta do meio-dia do dia 01 de julho de 2020 o avião militar cargueiro C105 pousa em uma pista extremamente curta na área do 4 pelotão especial de fronteira na região de Surucucu, em Alto Alegre, Roraima. Vi a porta traseira abrir e revelar uma imagem inédita pra mim, o mundo Yanomami. Fiquei impressionado com a curiosidades dos indígenas. Eles fizeram uma linha próxima ao avião e observaram os seres que desciam daquela "estranha" nave. Desci e tentei logo fazer um registro percebendo o quanto seria difícil, pois as indígenas não gostam de ser fotografadas. Voltei

ao interior do avião e peguei a minha lente 400 mm (teleobjetiva para grandes distâncias) para poder tentar capturar as imagens daquelas mulheres bem ornamentadas que traziam em seus rostos gravetos que pareciam fazer parte de sua pele. Eu estava parecendo um alienígena para elas, já que estava com o equipamento de segurança obrigatório para trabalhar nesta época de pandemia, como macacão impermeável, luvas, máscara e óculos. Assim, desfigurado, fui eu tentando me aproximar das indígenas. A curiosidade delas foi superada pelo receio e não tive sucesso, sigo então para fotografar os homens que estavam na frente do pelotão de fronteira. Eles já estavam lá no momento em que chegamos, havia uma partida de futebol e em seguida são chamados pelos militares para a distribuição de alimentos e atendimento médico. Se forma uma correria e ouvimos o alerta dos militares dizendo “quem não colocar a máscara não entra (na sede do batalhão)”. Fiz o registro dessa ação e me afastei do grupo indo para o campo de futebol de onde pude ficar observando as índias yanomamis de longe. Sentado, uma barreira de vegetação servia de barreira visual para que elas não me vissem e se assustassem. Tive dali um bom ângulo de visão para fotografar a reunião delas com as demais companheiras e filhos após receberem as máscaras. A cena era de estranhamento com aquele pedaço de tecido. Como usar, como encaixar no rosto junto com os adereços culturais que perfuram lábios, narinas e bochechas? (Alves, 2020).

A imagem em questão também é uma das mais comentadas do perfil⁸. Há inúmeros comentários dando os parabéns ao fotógrafo: "De todas, a minha imagem predileta! Obrigado, @joedson_alves"; "me atrevo a dizer que aqui temos uma foto histórica"; "foto do século"; "emblemática, é a palavra pra essa foto", dentre outros feedbacks positivos, refletindo a posição das pessoas sobre a imagem.

Entre inúmeros comentários positivos como os descritos acima, há também aqueles que questionam o depoimento do fotógrafo contextualizado no texto-legenda. Também se referem a algumas características da imagem apontadas na leitura iconográfica, tais como: o uso da teleobjetiva, o ângulo próximo ao chão do ponto de vista da câmera, o achatamento da imagem da

⁸ É importante ressaltar que as imagens do perfil são compartilhadas de outros perfis, e que muitas pessoas tendem a comentar mais na fotografia do perfil do autor do que na página @covidphotobrazil.

vegetação sobre os corpos dos indígenas retratados, a percepção de que as pessoas retratadas não sabiam que estavam sendo fotografadas.

Segue-se um dos comentários que questionam e criticam o ensaio: “Apesar da foto ser incrível, que triste essa foto ser sem autorização de quem está na imagem”. Essa reflexão provocou respostas de nove pessoas. Uma delas escreveu: “realmente, a foto tem que ter autorização da indígena. Ainda mais porque seus seios estão à mostra. A foto é linda e emblemática. Mas eles já estão acostumados a ver gente porque em surucucu há vários voos por mês. Na verdade, somos nós que nos surpreendemos com a figura e a cultura deles”.

Outro questionamento que nos chamou a atenção: “[...] Esse texto da descrição da foto e a foto são um ponto de atenção inclusive para a página *@covidphotobrazil*. Porque o texto parece descrever que está fotografando um animal e não um ser pensante. Uma visão velha do que é indígena. Parece um texto anacrônico escrito em 1500. Ele ainda fala ‘fiquei atrás de uma vegetação para não assustá-las’ quando, ao que parece, não era apenas sobre isso, mas sobre elas não quererem fotos. E o estar atrás da vegetação, só mostra que não viam o fotógrafo, que *tava* escondido. Muito estranho tudo isso”.

Segundo Barcelos (2014), o fotojornalismo é produzido a partir de orientações para os profissionais, voltadas ao respeito à dignidade humana, mas ainda existe um longo processo para que a mídia cumpra esse papel social. A autora ressalta que refletir sobre a produção e veiculação de imagens exige também pensar sobre como os acontecimentos devem ser registradas e sobre os limites do exibir, ainda que não haja uma resposta objetiva para isso.

Certamente o debate deontológico é maior no fotojornalismo do que em qualquer outro ramo das práticas fotográficas, já que “a prática do fotojornalismo carrega consigo uma função social, ligada ao exercício da

cidadania, à liberdade de expressão e ao direito à informação [...] além disso, o exercício profissional pressupõe regras de conduta [...]” (Barcelos, 2014, p. 113).

O fotógrafo Jadelson Alves e a fotografia da mulher yanomami foram trazidos para o centro de um conturbado debate político sobre os conflitos de interesses que envolvem a preservação das terras indígenas e o descaso governamental que se vive no país, a partir de declarações e defesas controversas do atual governo sobre a desnecessidade de aumentar os cuidados com tais áreas e grupos indígenas.

A Operação Covid-19, foi realizada por uma comitiva com militares, agentes de saúde, médicos da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI) e do Ministério da Saúde e jornalistas, e levou 4 toneladas de suprimentos como máscaras, protetores faciais, toucas, aventais descartáveis, álcool etílico, testes rápidos, e medicamentos – entre eles milhares de comprimidos de cloroquina⁹ (Domenici, 2020).

Segundo entrevista dada ao Jornal Estado de Minas para Pereira (2020), o fotógrafo registrou, há quinze minutos de helicóptero da aldeia yanomami, um garimpo ilegal, comprovando as denúncias sobre as invasões e garimpos em terras indígenas e evidenciando, também, o risco de contato e contaminação.

As fotografias feitas por Jadelson Alves trouxeram para o debate público a relação entre indígenas e Ministério da Defesa, que optou por convidar jornalistas para a Operação Covid-19, o que não foi bem visto pela comunidade e alguns usuários que questionaram a ética na produção e divulgação da imagem. Mas teria o fotógrafo violado alguma regra ou convenção?

⁹ Na reportagem o Exército se manifestou dizendo que a cloroquina seria usada para malária e não Covid-19.

O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros determina no Artigo 6 inciso II, que é dever do profissional “divulgar todos os fatos que sejam de interesse público”, já que as pessoas têm direito de saber o que acontece no mundo e, especificamente, o brasileiro tem o direito de saber o que acontece nas terras indígenas, desde o garimpo às ações militares e do Ministério da Saúde. Mas, no mesmo artigo, aponta que a informação deve contribuir para a defesa dos Direitos Humanos (FENAJ, 2007).

Na imagem da indígena, sua dignidade foi desrespeitada ou preservada? É possível medir isso? “Além do bom senso, da consciência e da sensibilidade do profissional, uma maneira de verificar isso seria analisar se a imagem “coisifica” a pessoa, ou seja se aquela informação é essencialmente necessária para a compreensão de dada realidade, ou se o ser humano retratado serve apenas como instrumento, para chocar, causar piedade, aumentar a audiência [...]” (Barcelos, 119, 2014) A imagem não nos parece desrespeitar a dignidade dos indígenas e certamente traz à tona o importante debate sobre os direitos dos povos indígenas e seus desrespeitos.

O ponto mais controverso da questão da fotografia de flagrante¹⁰, é em relação a outra recomendação, também do mesmo artigo 6 do código brasileiro, no inciso VIII citado anteriormente “respeitar o direito à intimidade, à privacidade, à honra e à imagem do cidadão”, o direito de imagem¹¹ (FENAJ, 2007). Assim, são dois direitos que por vezes entram em choque: o direito de imagem *versus* o direito de imprensa.

¹⁰ O conceito de flagrante é profundamente enraizada na tradição do fotojornalismo moderno em que o fotógrafo de imprensa assume um papel de investigador por meio da câmera fotográfica capaz de transformar eventos em cenas e sem sua presença seja percebida.

¹¹ Segundo o artigo 5 da Constituição Federal Brasileira, item X, a imagem humana é protegida: “são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurando o direito de indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação”. Compreendemos por direito de imagem, o direito das pessoas por sua representação visual, corpo, face e até mesmo partes desde que seja possível a identificação do indivíduo.

4. Considerações finais

Com o digital e o advento da pandemia do novo coronavírus, constatamos a hipótese de que a fotografia teve seus papéis sociais renovados e confrontados pelo seu uso nas mídias sociais, em particular, no perfil analisado *@covidphotobrazil*.

Os resultados mostram que o estudo iconográfico aliado à pesquisa iconográfica permite uma leitura imagética de importância histórica de algumas das imagens que constroem a memória da pandemia da Covid-19 no território brasileiro. O estudo aqui apresentado dedicou-se a analisar seis fotografias feitas em dois ensaios, por dois fotógrafos brasileiros. Trata-se de um corpus reduzido frente ao arquivo de 466 imagens divulgado pelo perfil *@covidphotobrazil*. A escolha das imagens foi apenas uma dentre muitas possíveis.

Então, respondendo às perguntas norteadoras que conduziram esta pesquisa – “Como ocorre a função social da investigação fotográfica durante pandemia da Covid-19 no Brasil pela plataforma do *Instagram*? Como a cobertura fotográfica sobre o Covid-19 contribui como mídia provocadora de reflexões, discussões, debates e empatia?” –, chegamos à conclusão de que a fotografia circula pelo *Instagram* de forma a convidar as pessoas a verem as imagens que estão sendo produzidas, e, em seguida, a debater, questionar, comentar e criticar. Essa participação, por vezes, ainda se dá de forma tímida, apenas a partir de curtidas e com comentários que se limitam a aplaudir o resultado das imagens. Mas, também foi possível ver comentários e questionamentos mais aprofundados sobre a ética e o direito de imagem, assim como sobre o papel dessas imagens na construção de uma memória

visual sobre a pandemia. A rede permite o espaço e o seu uso varia de indivíduo à indivíduo e seus interesses.

Ao acessarmos a postagem original dos fotógrafos em seus perfis pessoais percebemos que havia mais interações por lá. Isso nos levou a pensar que talvez o perfil *@covidphotobrazil* seja mais seguido por fotojornalistas e por pessoas que têm interesse em ver as imagens que estão sendo produzidas e arquivá-las, mas não necessariamente comentar e debater com demais usuários o conteúdo das imagens. Evidenciando que os debates e diálogos nas redes sociais são limitados pela restrição do fenômeno das bolhas sociais.

Entretanto, é inegável que os resultados mostraram que a fotografia tem sido uma ferramenta importante para o debate e a conscientização sobre os diferentes contextos sociais e políticos do Brasil durante a pandemia e sobre a gravidade da crise sanitária reforçada pela Covid-19, apesar da presença de discursos negacionistas.

Ainda assim, percebemos que o perfil apresenta poucos seguidores, talvez por falta de incentivos comerciais para ser compartilhado em larga escala. Além disso, constatamos que muitos seguidores não comentam tanto nas imagens do perfil, mas curtem as imagens e passam a seguir seus autores. Isso explicaria o fato de os fotógrafos agradecerem o compartilhamento de suas imagens pelo perfil *@covidphotobrazil*, evidenciando que ter uma imagem impulsionada pelo canal é reconhecimento de seus trabalhos.

O primeiro ensaio analisado continha poucos comentários atrelados, mas dentre estes o comentário de agradecimento de Marco Favero, seu autor, ao perfil pelo compartilhamento do seu trabalho. Neste momento divulgou o *link* para quem quisesse ajudar as pessoas da comunidade, evidenciando que existem ações de apoio por meio das redes sociais que objetivam contribuir

para minimizar a situação de fragilidade das mulheres periféricas e que a fotorreportagem seria uma forma de conscientizar e gerar empatia.

O segundo ensaio teve muitos comentários e críticas. O debate gerado levantava questões deontológicas no fotojornalismo, cuidados e descasos em relação aos cuidados básicos com a saúde e a cultura dos yanomami frente ao grave cenário do coronavírus, debates sobre representação e sobre as dificuldades que os povos originários estão enfrentando frente ao descaso político com conflitos de interesse que envolvem a preservação e manutenção de suas terras.

As imagens representam diferentes estratégias estéticas do fazer fotojornalístico durante a pandemia da Covid-19. O primeiro ensaio foi produzido em diálogo com as mulheres retratadas, fotografias feitas à distância segura entre fotógrafo e fotografadas. Imagens posadas produzidas por uma grande angular que contextualizava suas vidas e que pressupõe em conjunto uma narrativa para além da história contida em cada fotografia. No segundo ensaio, um flagrante e, como este conceito pressupõe, feito sem o consentimento dos retratados. Imagens produzidas a uma distância segura entre fotógrafo e fotografados. Fotografias feitas por teleobjetiva evidenciando o recorte estético.

As imagens são convites à reflexão sobre as realidades da pandemia de Covid-19 no Brasil, mas são limitadas como fontes históricas se analisadas apenas a partir de sua iconografia. Assim, considera-se de extrema importância o papel da ciência social que investiga os dados e as informações que contextualizam as imagens em um lugar na história contemporânea do Brasil. Esses dados, assim como as entrevistas feitas com os autores das fotografias, não encontram ainda espaço no *Instagram*, mas na própria pesquisa científica que deve estar atenta aos fenômenos dos repasses sociais de fotografias.

Referências

Barcelos, J. (2014). Por um fotojornalismo que respeite a dignidade humana: a dimensão ética como questão fundamental na contemporaneidade. *Discursos fotográficos*, 10(16), p.111-134. <http://dx.doi.org/10.5433/1984-7939.2014v10n16p111>

Covidphotobrazil. Instagram. 2020. Retirado de <https://www.instagram.com/covidphotobrazil/>

Domenici. T. (2020, 06 de julho). *Não somos objeto de propaganda do governo*. Agência Pública. Brasil. Retirado de <https://apublica.org/2020/07/nao-somos-objeto-de-propaganda-do-governo-diz-lideranca-yanomami-sobre-acao-do-exercito-em-roraima/>

Favero, M. (2020). Entrevista oral. Concedida às autoras em 29 e agosto de 2020.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. (2007). *Código de ética dos jornalistas brasileiros*. Vitória. Retirado de https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf

IBGE. (2020, setembro). *Censo Demográfico*. Retirado de <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html?edicao=9678&t=destaques>

ISA. (2020, 8 de abril). *Pandemia da Covid-19 torna urgente expulsão de garimpeiros da Terra Indígena Yanomami*. Instituto Sócio Ambiental. Brasil. Retirado de <https://www.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/pandemia-da-covid-19-torna-urgente-expulsao-de-garimpeiros-da-terra-indigena-yanomami>

Lewis, S. (2016). *Visão e justiça*. The fifth international exposition of contemporary and modern art. Northern Trust.

Kossoy, B. (1999). *Realidades e ficções na trama fotográfica*. Ateliê Editorial.

Magalhães, A. & Peregrino, N. (2004). *Fotografia no Brasil: um olhar das origens ao contemporâneo*. Funarte.

ONU. (2019, dezembro). *Relatório de desenvolvimento humano do PNUD destaca altos índices de desigualdade no Brasil*. Retirado de <https://douradosagora.com.br/noticias/brasil/pnud-destaca-altos-indices-de-desigualdade-no-brasil>

Opas. (2020). *Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a Covid-19*. [Versão Eletrônica]. Retirado de https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf?sequence=14

Panofsky, E. (2012). *Significado nas artes visuais*. Tradução: Maria Clara F. Kneese e J. Guinsburg. Perspectiva.

Pereira, M. I. (2020, 15 de julho). *Vídeo: A história por trás da foto da Yanomami que viralizou*. Estado de Minas. Brasil. Retirado de https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2020/07/15/interna_nacional,1167262/video-a-historia-por-tras-da-foto-da-yanomami-que-viralizou.shtml

Unfried, R. (2014, novembro). *O uso da iconografia e da iconologia para a análise de fotografias e recuperação da história de Londrina* [Comunicação]. Encontro Nacional de Pesquisa em Comunicação e Imagem - ENCOI, Londrina, PR. Retirado de <http://www.uel.br/eventos/encoi/anais/TRABALHOS/GT7/O%20USO%20DA%20ICONOGRAFIA%20E%20DA%20ICONOLOGIA.pdf>

Camila Leite de Araújo

Professora Adjunta do curso de Jornalismo da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal do Amazonas. Vice-coordenadora do Grupo de Pesquisa em Documentos Audiovisuais e Iconográficos – Imago.

Cristiane de Lima Barbosa

Jornalista. Doutora em Ciências da Informação pela Universidade Fernando Pessoa (Porto, Portugal). Docente do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas (Ufam).

Submetido: 01/10/20 – Aceite: 09/02/21 – Publicado: 30/06/21